



Crédito: Isaque Mendes - Coletivo Frame

Grupo de estudos em animais silvestres (CCAÉ-UFES) - Uma ferramenta para ampliação de conhecimento, formação de network e ações educacionais.

Wild animals study group (CCAÉ-UFES) - A tool to knowledge amplification, network formation and educational actions

Resumo

O curso de Medicina Veterinária da UFES é o único pertencente a instituição de ensino superior pública federal do estado. Este fato, associado a crescente demanda por conhecimento em Animais Selvagens, levou a implantação do Grupo de Estudos em Animais Silvestres. Desde então, este vem realizando simpósios, congressos, palestras e discussões para atingir tal propósito além de servir como intermédio entre alunos e profissionais formados, na difusão do conhecimento para a sociedade. Mesmo enfrentando dificuldades, o grupo teve sua importância reconhecida no campus. O presente trabalho tem por objetivo relatar algumas das atividades realizadas ao longo de sua atuação, até seu cancelamento em 2019 e como essas ações se relacionam com tópicos atuais e relevantes dentro da temática Medicina Veterinária de Animais Selvagens.

Palavras-chave: animais silvestres, educação, alunos de graduação, sociedade.

Wanderson Lopes Andrade¹
Jórnio Mantovani Cezana²
Camila Barbosa Amaral³

wanderson.andrade@hotmail.com.br

1. Universidade Federal do Espírito Santo
2. Secretaria do Estado de Saúde do Espírito Santo
3. Universidade Federal Fluminense

Abstract

UFES Veterinary Medicine graduation course is the only course of a public federal institution within the estate of Espírito Santo. This, associated with the increasing demanding for wild animal's knowledge, provided the creation of the Wild Animals Study Group. Since then, the group promotes symposiums, congress, lectures and discussions to achieve the purpose and intermediates students and professional contact, helping diffusing this knowledge to the society. Even under difficulties, the group had its importance recognized in the university campus. The present report aims to describe some of these activities performed by the group since its creation until its suspension in 2019 and how these actions are related to relevant and actual topics within the Veterinary Medicine of Wild Animals thematic.

Keywords: wild animals, education, graduation students, society.

INTRODUÇÃO

Dentre as mais diversas áreas de atuação do médico veterinário, a Medicina Veterinária de Animais Selvagens obteve considerável crescimento e reconhecimento socioeconômico nacional, em especial nos últimos dez anos, conforme exposto pelo próprio Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV) em suas publicações mais recentes (Lange, Lang, Allgayer, Albuquerque, Rossi & Neto, 2013; Saad, Ferreira, Albuquerque, Rossi & Teixeira, 2018). Isso é fruto da crescente necessidade de mão-de-obra veterinária especializada nessa área, seja em relação ao meio ambiente e medicina da conservação, seja em relação ao mercado de animais de estimação exóticos, os chamados pets exóticos (Lange et al., 2013; Swan, Coetzer & Terblanche, 2009), onde existe a necessidade de se conhecer as especificidades da saúde dos animais não domésticos que habitam o mesmo ecossistema dos humanos. Em outro âmbito, a reprodução desses animais tem ganhado atenção e demandado profissionais especializados, seja com o objetivo de conservação de espécies ameaçadas de extinção (a exemplo da ararinha azul, da baleia jubarte, do peixe-boi amazônico, do cervo do Pantanal e do veado catatingueiro) ou ainda nos criadouros, abatedouros e frigoríficos autorizados da cadeia de produção de algumas espécies. Inicialmente, a área contemplava apenas o universo de animais mantidos em zoológicos (Lange et al., 2013; Martins, Padua & Valladares-Padua, 2014; Tonin, 2017).

A variedade de possibilidades de atuação do médico veterinário de animais selvagens e a demanda crescente são frutos diretos do fato de o Brasil se configurar entre os 18 países megadiversos do mundo. Estes países, apesar de ocuparem apenas 10% da superfície terrestre, albergam 70% da biodiversidade do planeta. Além do Brasil, mais sete desses países concentram-se na América do Sul (Meyer, 2018). Essa observação amplia ainda mais a possibilidade de atuação do médico veterinário brasileiro graças às políticas de acreditação de diplomas a exemplo do Sistema de Acreditação Regional de Cursos de Graduação do MERCOSUL (ARCU-SUL) (MERCOSUL/CMC, 2008). De acordo com o Portal ARCU-SUL, o Brasil já conta com 11 cursos de Medicina Veterinária em universidades com acreditação vigente, sendo que, na região Sudeste, há somente uma universidade federal no estado do Rio de Janeiro e três em Minas Gerais, além de uma particular. Estas medidas facilitam o trâmite documental para atuação do médico veterinário brasileiro em países vizinhos, diferente do que ocorre em países como os Estados Unidos.

Outro ponto de atuação do médico veterinário de animais selvagens refere-se a questões como zoonoses, biossegurança e vigilância ambiental no conceito *One Health* ou Saúde Única (Chomel & Osburn, 2006; Osburn, 1996; Swan, Coetzer & Terblanche, 2009). Um exemplo recente disso foi o alarde provocado pela epidemia de febre amarela no Brasil. A febre amarela silvestre é considerada endêmica da região amazônica, mas períodos epidêmicos têm sido registrados devido a reemergência do vírus no país. Neste período, é comum o adoecimento e morte de um número maior de macacos, mantenedores do ciclo silvestre, chamando atenção da sociedade e dos agentes de saúde para o evento-sentinela (Tonin & Del Carlo, 2018). Devido ao desconhecimento acerca dessa informação, muitos macacos foram agredidos e mortos

pela população acreditar que eles transmitiam a doença e eram, portanto, o agente causal do surto. Cabe ao médico veterinário esclarecer tais equívocos, firmando seu papel como agente de saúde não apenas animal, mas também humana.

Ainda em relação às arboviroses e ao conceito Saúde Única, pesquisas recentes buscam estabelecer o papel de diversas espécies selvagens na manutenção do ciclo do Zika vírus na natureza. Estudos têm sido realizados com equipes multidisciplinares na determinação do papel dos macacos do Novo Mundo como mantenedores do vírus e ainda, como mudanças climáticas que levam a perda de biodiversidade podem atuar como força seletiva no surgimento de novas variantes genéticas adaptadas aos possíveis múltiplos hospedeiros presentes nos diferentes biomas brasileiros (Bueno, Martinez, Abdalla, Dos Santos & Chame, 2016).

Tal diversidade e demanda pela especialidade desencadearam a necessidade de atualizações dos planos pedagógicos dos cursos de graduação em Medicina Veterinária. Segundo pesquisa da Comissão Nacional de Animais Selvagens do CFMV, a temática não é considerada obrigatória nos cursos de Medicina Veterinária e Zootecnia do país, embora muitos a incluam como disciplina. Em diversos casos, a mesma é considerada optativa embora cada vez mais esforços têm sido empenhados na colocação da disciplina como obrigatória. A maioria das disciplinas contempla entre 40 e 80 horas, é ministrada nos últimos períodos da graduação e as ementas são variáveis, justificadas pelo direcionamento dado à matéria devido às particularidades de cada região do Brasil (Saad et al., 2018).

Neste cenário, a realidade encontrada na Universidade Federal do Espírito Santo, mesmo sendo a única instituição de ensino superior de âmbito público federal com curso de Medicina Veterinária do estado, é bem diferente. O curso de graduação em Medicina Veterinária do Centro de Ciências Agrárias e Engenharias (CCA) da UFES conta com a disciplina de Clínica de Animais Silvestres apenas como optativa. No entanto, a mesma não é ofertada rotineiramente devido à ausência de profissional com experiência na área para ministrá-la no quadro de docentes permanentes do curso. Essa realidade associada à das outras universidades demonstra a insuficiência dos investimentos direcionados ao estudo da fauna selvagem (Martins et al., 2014).

Considerando toda a variedade e o atual leque de informações sobre o tema, foi implantado pelo curso de Medicina Veterinária o Grupo de Estudos em Animais Silvestres (GEAS) com o objetivo de suprir pelo menos parte da demanda de conhecimento sobre esses animais. Durante sua existência, o grupo visou diminuir a lacuna de informações sobre esta área, que, no campus de Alegre, é de interesse de diversos alunos não só de Medicina Veterinária, mas também de cursos ligados à fauna e à preservação ambiental. A seguir, são detalhadas algumas ações realizadas pelo GEAS e seus impactos na formação acadêmica.

METODO

Descrição das Atividades e Experiências obtidas:

Desde sua criação, em maio de 2012, o GEAS vem buscando maneiras de melhor difundir o conhecimento por meio de simpósios, congressos, palestras e discussões. Nestes eventos foram abordados assuntos de relevância para a formação do conhecimento acadêmico dos alunos de forma a otimizar a transferência

de informações sobre estes animais, tanto para atendimento clínico, quanto para produção e pesquisa, auxiliando o ingresso no mercado de trabalho.

O grupo de estudos também ofereceu suporte à disciplina optativa de Clínica de Animais Silvestres, quando esta foi ofertada, do curso de graduação em Medicina Veterinária, tanto na parte teórica quanto prática.

O GEAS também teve função de auxiliar em outros eventos sediados na UFES e que envolviam animais silvestres. Todas essas atividades foram realizadas na tentativa de aumentar a oferta de conhecimento para os alunos interessados e que estes, posteriormente, possam atuar como difusores do conhecimento em meio a sociedade. Houve ainda, a oportunidade de estar em contato com profissionais capacitados dentro das especializações almejadas pelos discentes, proporcionando, assim, um momento para discussão, troca de experiências e debate sobre as atualizações das técnicas em animais silvestres, propiciando um ambiente rico para os pesquisadores.

O grupo também deu espaço para que os alunos sejam difusores de experiências, ou seja, abriu espaço para que apresentassem, também, suas atividades e não ficassem somente como ouvintes. Isso permitiu a comunicação entre eles e a valorização de cada experiência profissional. Como o grupo de estudos atendeu a mais de um curso da presente universidade, às vezes, em eventos maiores, ainda chamou a atenção de estudantes de outras universidades. Isso permitiu uma comunicação direta entre alunos de várias localidades que tinham interesse na mesma área embora com vivências diferenciadas, o que favorece a troca de conhecimento e experiências, seja referente a casos incomuns ou instituições que conheceram, conforme descrito por Martins et al. (2014).

Essa interação amplia o horizonte dos alunos e permite que visualizem as possibilidades para suas carreiras, mesmo que ainda estejam nos períodos iniciais da graduação. Com esta procura e estes contatos precocemente, acabam por ter tempo e oportunidade para conhecer as várias atuações dos profissionais envolvidos com a fauna silvestre, proporcionado pelo contato direto com o mercado de trabalho, uma vez que esse encontro pode resultar em futuros estágios fora da UFES.

RESULTADOS

A oportunidade dos discentes de estar em contato com profissionais capacitados dentro das especializações almejadas, proporcionando, assim, um momento para discussão, troca de experiências e debate sobre as atualizações das técnicas em animais silvestres, propiciou um ambiente rico para os pesquisadores. Este tipo de interação rendeu parcerias importantes ao grupo com instituições como o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), o Instituto de Pesquisa e Reabilitação de Animais Marinhos (IPRAM) e o Instituto Marcos Daniel (IMD), além de abrir portas para a realização de estágio na área.

Sempre com o objetivo de tornar o aluno mais apto para o trabalho com animais silvestres, o GEAS abordou temas referentes às variadas atuações profissionais, como: legislação, tráfico e caça, zoonoses, principais doenças, manejo em zoológico, manejo em centro de reabilitação, impactos das ações humanas sobre ecossistemas, além de palestras sobre grupos específicos de animais, buscando contemplar o cenário atual da especialidade (Chomel & Osburn, 2006; De Paula, De

Araujo, Araujo, Ferreira, Da Silva & Garay, 2013; Gonçalves, 2013; Lange et al., 2013; Martins et al., 2014; Osburn, 1996; Swan et al., 2009; Tonin, 2013, 2017, 2018).

Estes temas, na maioria das vezes, eram abordados sob a forma de palestras, ministradas por alunos de graduação e pós-graduação, professores e profissionais externos a UFES. Mesmo sob este formato, por se tratar de um grupo menor de pessoas e com interesses comuns, observou-se uma maior liberdade por parte dos alunos para argumentar, questionar e expor suas dúvidas e experiências, refletindo o ambiente acolhedor proposto pelo grupo. Tal observação vai ao encontro dos achados de Rossit, Dos Santos Jr, De Medeiros, Medeiros, Regis e Batista (2018) em suas análises sobre os grupos de pesquisa como espaço de aprendizagem para a interprofissionalização. No modelo proposto, por meio de narrativas de profissionais de sete diferentes profissões dentro do binômio Saúde e Educação, os autores perceberam a potência do grupo de pesquisa como espaço de aprendizagem e prática colaborativa, sua ação na consolidação e reconstrução de conhecimento e a motivação de busca, ingresso e permanência dos participantes.

Neste formato, um aspecto interessante é o afrontamento de diferentes maneiras de pensar, comumente observado nas abordagens realizadas por professores e profissionais de Ciências Biológicas e graduandos de Medicina Veterinária. Embora possa haver discordância, na maioria das vezes, os alunos incorporaram informações e ideologias que desconheciam. Outro momento esclarecedor e enriquecedor foi a palestra ministrada pelo agente ambiental do IBAMA abordando a questão do tráfico

Figura 1. Palestra abordando o tema tráfico de animais selvagens.



de animais selvagens (Figura 1), que também auxiliou na elucidação de dúvidas dos estudantes sobre o tema, além de maior familiarização com os aspectos legais.

Outro formato que amplia esta interação são os cursos e minicursos ofertados. Em 2013, o curso teórico-prático de “Contenção de animais selvagens baseado em técnicas de aikido” (Figura 2), ministrado pelos médicos veterinários José Machado Neves Jr e Aline de Souza Leal teve uma ótima receptividade pelos alunos e as vagas limitadas foram rapidamente preenchidas. Grande parte do sucesso do curso foi atribuída a abordagem diferenciada dada pelos médicos veterinários na contenção de animais selvagens, levando os alunos a questionar os métodos tradicionalmente usa-



Figura 2. Curso teórico-prático de “Contenção de animais selvagens baseado em técnicas de aikido”.

dos. O evento realizado em 2014, I Ciclo de Palestra do Grupo de Estudo em Animais Silvestres, também obteve êxito e procura por alunos de outras instituições.

A troca de experiências e o despertar do interesse na área também propiciou a publicação de trabalhos científicos em eventos internos e externos à universidade, contribuindo para o crescimento científico nacional e internacional na área (Gonçalves, 2013).

As parcerias formadas renderam frutos que, baseando-se no conceito de extensão universitária, devem extrapolar os muros da universidade. Neste âmbito, o grupo recebeu material educativo do IBAMA para realização de palestras educativas nas escolas da região, abordando em especial os resultados das ações humanas sobre os animais silvestres, além de alertar para a problemática do tráfico e das zoonoses transmitidas por estes animais. Isso possibilitou a difusão dessas ideias nas crianças e jovens da cidade, sob formato lúdico-educativo, mirando-se em exemplos já consagrados (De Paula et al., 2013; Tonin, 2013).

O GEAS, porém, encontrou algumas barreiras para desempenhar suas funções. Dentre elas, a dificuldade encontrada na implementação do grupo, especialmente no tocante à disponibilidade de espaço para realização das reuniões e a localidade da universidade, visto que Alegre (Espírito Santo) encontra-se distante de grandes centros metropolitanos, o que dificulta e encarece a vinda de profissionais do ramo (Martins et al., 2014). A falta de profissionais e de pesquisas ligadas à área dentro do curso de Medicina Veterinária também prejudicou a formação e ampliação do grupo. Quando comparado aos profissionais trabalhando na área de animais de produção e animais de companhia, os veterinários de animais silvestres na universidade são praticamente inexistentes. Interrupções ao longo do semestre por eventos como greve de servidores também contribuíram para redução dos participantes do grupo. Frente a estas dificuldades, o grupo foi encerrado como atividade de extensão em abril de 2019.

CONCLUSÃO

A importância do médico veterinário de animais selvagens tem sido bastante divulgada e conseqüentemente sua demanda cresceu consideravelmente dentro dos mais diversos temas, principalmente em relação a inserção do médico veterinário como agente do sistema de Saúde Única frente às doenças emergentes (Bueno et al., 2016; Chomel & Osburn, 2006; Lange et al., 2013; Osburn, 1996; Swan et al., 2009). No cenário atual, a pandemia de COVID-19 jogou um pouco de luz sobre este fato, sendo os médicos veterinários incluídos no Programa “O Brasil Conta Comigo”, do Ministério da Saúde e as atividades e estabelecimentos veterinários considerados como atividades essenciais (Ferreira, 2020).

Frente a toda essa diversidade profissional, o GEAS firmou sua importância como um espaço não só para a construção e ampliação do conhecimento sobre animais selvagens mas também como complemento na formação de profissionais que atuam na área (Marcançoli, De Menezes, Vieira, Paes, Barbosa & Behling, 2014; Peres, Amaral, Oliveira, Gasparini, Ferreira, Tomas, Ramos, Bertolotti, Oliveira, Leite & Poiatti, 2015).

Mesmo enfrentando algumas dificuldades, o GEAS permaneceu ativo devido à extrema aceitação e importância que desempenhou para com os alunos que buscam aprimorar o conhecimento na área de animais silvestres. Além disso, sendo um centro de difusão de conhecimento, participou na formação dos alunos frequentadores, o que reflete no futuro destes como disseminadores e multiplicadores do conhecimento sobre animais selvagens, nas diversas temáticas da área, mas em especial sua interação com o homem. Durante a sua existência, o grupo foi uma das únicas fontes dentro da universidade que exerceu esse papel e com grande demanda por parte dos discentes, o que motivou toda a equipe durante tal período. Tal fato demonstra a importância do estabelecimento e manutenção dos grupos de estudos dentro do ambiente universitário, mesmo frente às adversidades, como o cenário pandêmico atual.

REFERÊNCIAS

- BUENO, M. G.; MARTINEZ, N., ABDALLA, L.; DOS SANTOS, C. N. D.; CHAME, M. Animals in the Zika virus life cycle: what to expect from megadiverse Latin America countries? *PLOS Neglected Tropical Diseases*, v.10, n.12, p. e0005073, 2016.
- CHOMEL, B. B.; OSBURN, B. I. Zoological medicine and public healthy. *Journal of Veterinary Medical Education*, v. 33, n.3, p. 346-351, 2006.
- DE PAULA, T. A. R.; DE ARAUJO, G. R.; ARAUJO, T. D. S.; FERREIRA, L. B. C.; DA SILVA, L. C.; GARAY, R. M. Projeto Suçuarana, Minas Gerais, exemplo para educação ambiental. *Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária*, Brasília, ano XIX, n. 59, p. 19-21, 2013.
- FERREIRA, D. R. A. A importância do médico veterinário na saúde única e no enfrentamento da COVID-19. Conselho Regional de Medicina Veterinária da Paraíba. Acessado em 01 de abril de 2021. <https://crmvpb.org.br/a-importancia-do-medico-veterinario-na-saude-unica-e-no-enfrentamento-da-covid-19/>
- GONÇALVES, G. A. M. Publicações científicas de 2010 a 2012 refletem o crescimento da área. *Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária*, Brasília, ano XIX, n. 59, p. 22-24, 2013.
- LANGE, R. R.; LANG, A.; ALLGAYER, M. C.; ALBUQUERQUE, I. M. B.; JR ROSSI, J. L.; NETO, C. L. Das práticas em zoológico à especialização dos dias atuais. *Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária*, Brasília, ano XIX, n. 59, p. 13-15, 2013.
- MARCANÇOLI, R. K. M.; DE MENEZES, P. Q.; VIEIRA, F. C.; PAES, Y. M.; BARBOSA, J. S.; BEHLING, G. M. Grupo de

Estudos em Animais Silvestres: relatos da experiência de criação. In: XXIII Congresso de Iniciação Científica da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014, Anais.

MARTINS, C. S.; PADUA, S. M.; VALLADARES-PADUA, C. B. Educação para a Conservação: Propostas para o Ensino de Pós-graduação. In: CUBAS, Z. S.; SILVA, J. C. R.; CATÃO-DIAS, J. L. Tratado de Animais Selvagens: Medicina Veterinária. São Paulo: Roca, 2. ed., vol. 1, p. 32-38. 2014.

MERCOSUL/Conselho do Mercado Comum. Acordo sobre a criação e a implementação de um sistema de credenciamento de cursos de graduação para o reconhecimento regional da qualidade acadêmica dos respectivos diplomas no Mercosul e estados associados. Decreto n. 18 de 2008.

MEYER, L. Los países megadiversos. Circle by Ecoembes, n. 4, p. 44-49, 2018.

OSBURN, B. I. Emerging diseases with a worldwide impact and the consequences for veterinary curricula. *Veterinary Quarterly*, v. 18, n. 3, p. 124-126, 1996.

PERES, G. S.; AMARAL, V. H. A.; OLIVEIRA, L.; GASPARINI, V. G.; FERREIRA H. M.; TOMAS, A. A.; RAMOS, H. N.; BERTOLOTTI, T. A.; OLIVEIRA, J. A.; LEITE, K. F.; POIATTI, M. L. Ações realizadas pelo Grupo de Estudos sobre Animais Selvagens – GEAS/UNESP de Dracena. In: 8º Congresso de Extensão Universitária da UNESP, Botucatu, 2015, Anais, ISSN 2176-9761-2015-01-05.

ROSSIT, R. A. S.; DOS SANTOS Jr, C. F.; DE MEDEIROS, N. M. H.; MEDEIROS, L. M. O. P.; REGIS, C. G.; BATISTA, S. H. S. S. Grupo de pesquisa como espaço de aprendizagem em/sobre educação interprofissional (EIP): narrativas em foco. *Interface: comunicação, saúde e educação*, In press. julho 10, 2018. ISSN 1414-3283. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622017.0674>.

SAAD, C. E. P.; FERREIRA, D. R. A.; ALBUQUERQUE, I. M. B.; ROSSI Jr, J. L.; TEIXEIRA, V. N. O ensino sobre animais selvagens no Brasil. *Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária*, Brasília, ano XXIV, n. 76, p. 12-14, 2018.

SWAN, G. E.; COETZER, J. A.; TERBLANCHE, H. M. Integrating global animal health, public health and tropical animal health issues into the veterinary curriculum: a South African/ African perspective. *Revue Scientifique Et Technique*, v. 28, n. 2, p. 727-738, 2009.

TONIN, F. Em busca do aumento das populações e acúmulo de informação. *Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária*, Brasília, ano XXIII, n. 74, p. 26-30, 2017.

TONIN, F. Trabalhar com animais selvagens, acima de tudo, é trabalhar com gente. *Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária*, Brasília, ano XIX, n. 59, p. 16-18, 2013.

TONIN, F.; DEL CARLO, R. J. A febre amarela e os primatas não humanos. *Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária*, Brasília, ano XXIV, n. 76, p. 26-30, 2018.

AGRADECIMENTOS:

O GEAS-UFES gostaria de agradecer a seus parceiros ao longo dessa jornada: Rafael de Oliveira Sant'Anna (IBAMA), Luis Felipe Mayorga (IPRAM), Yhuri Cardoso Nóbrega e Eduardo Lázaro de Faria da Silva (IMD) e a todos que contribuíram de diversas maneiras para o andamento do projeto.

FINANCIAMENTO:

O presente projeto de extensão recebeu financiamento pela Pró-Reitoria de Extensão sob a forma de bolsa de extensão para aluno coordenador até 2017. Ao longo de suas atividades, contou com o apoio da Polícia Militar Ambiental, do IBAMA de Cachoeiro de Itapemirim, além do Instituto de Pesquisa e Reabilitação de Animais Marinhos (IPRAM) e do Instituto Marcos Daniel (IMD), através do Projeto Jacarés da Mata Atlântica. Declaramos não ter conflito de interesses.